

Sol, a Pajé surda: dizer visual e memória terena na obra *Séno Mókere Káxe Koixómuneti*

Luan Vinicius Ramos de Aquino* 

Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) – Brasil

*Correspondência: luan.aquino5832@gmail.com

RESUMO

Este artigo analisa a obra *Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: a Pajé surda*, de Ivan Souza, a partir de um diálogo entre a semiótica do texto e a linguística das línguas de sinais. O objetivo é investigar de que modo a linguagem dos quadrinhos, como suporte narrativo visual, responde às especificidades comunicativas da comunidade surda e se mostra adequada à representação de línguas de sinais e de culturas surdas. Situada no entrecruzamento entre a literatura indígena e a literatura surda, a obra registra elementos da cultura oral e da língua de sinais do povo Terena, articulando narrativa visual e memória linguística. A análise parte da hipótese de que os quadrinhos, enquanto sistema sógnico multimodal, não apenas registram, mas também produzem sentidos específicos para a experiência surda, ampliando as possibilidades de expressão e de registro de línguas e culturas minoritárias. Ao tensionar as fronteiras entre palavra, imagem e gestualidade, a obra de Souza oferece um campo fértil para repensar as relações entre suporte narrativo, visualidade e linguagem.

PALAVRAS-CHAVE:

Cultura Surda
Língua de sinais
Narrativa visual
Povo Terena
Quadrinhos
Semiótica

SUBMETIDO: 6 de dezembro de 2025 | **ACEITO:** 21 de abril de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Marcada pela presença de mais de 2 milhões de surdos (Brasil, 2022), a realidade brasileira impõe a necessidade de refletir sobre a representatividade da comunidade surda – sua cultura, sua língua e as formas como essas dimensões emergem nos objetos culturais do país. Essa reflexão ganha contornos ainda mais urgentes em um cenário de supercomunicação, no qual as identidades culturais são tensionadas por discursos hegemônicos e as noções de comunidade e

pertencimento se tornam objeto de constante negociação (Lévi-Strauss, 1978, p.26-27; Bauman, 2003, p.1-7). O reconhecimento da história dos povos originários e de suas múltiplas expressões culturais inscreve-se, portanto, como gesto político e epistemológico.

A apreensão do mundo pelos surdos opera por vias sensoriais distintas das que orientam a experiência dos ouvintes, de modo que a surdez atravessa toda a concepção de existência desses sujeitos. Sua capacidade linguística se manifesta por meio da modalidade visuoespacial, ancorada na excitação sensorial da visão, o que confere às línguas de sinais uma estrutura e uma dinâmica próprias, radicalmente diversas das línguas orais-auditivas, como o português.

Publicada em 2021 por Ivan de Souza, em parceria com Kelly Lóddo e Julia Ponnick, a história em quadrinhos *Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: a Pajé surda* insere-se nesse horizonte ao articular surdez e memória Terena. A narrativa, produzida no âmbito do projeto HQ's Sinalizadas (UFPR) com apoio do Instituto de Pesquisa da Diversidade Intercultural (IPEDI), propõe-se a registrar elementos da cultura oral e da língua de sinais do povo Terena, valendo-se da linguagem visual como suporte para a representação das línguas de sinais e da cultura surda

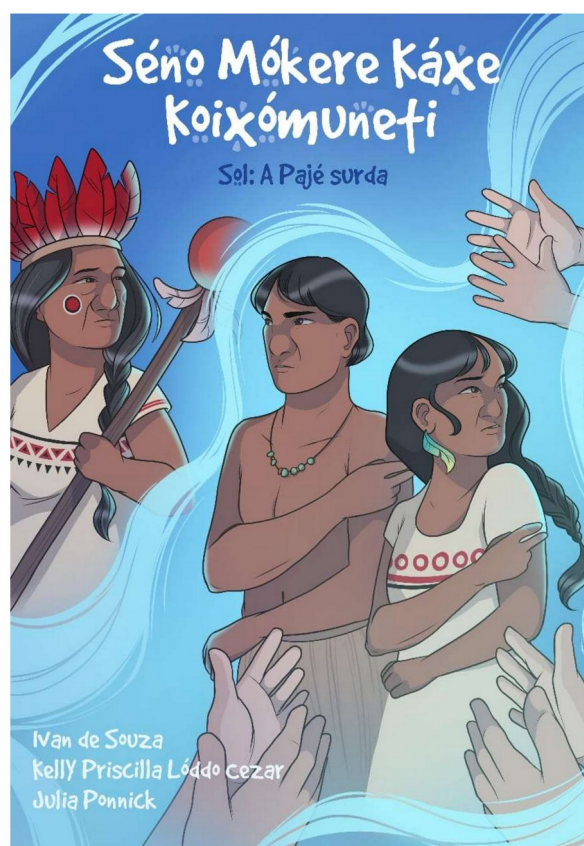


Figura 1 - Capa da obra analisada.
Fonte: Souza (2021).

A pergunta que orienta esta investigação é: de que modo os arranjos plásticos e figurativos da linguagem visual de *Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: a Pajé surda* apontam para uma comunicação mais propriamente articulada às especificidades sensoriais e linguísticas dos surdos? Para respondê-la, o artigo mobiliza os conceitos de literatura surda e de narrativa visual à luz da semiótica plástica (Greimas, 1984; Floch, 2000), em diálogo com os estudos sobre línguas de sinais (Quadros, 2007) e sobre a linguagem dos quadrinhos (McCloud, 1995). O objetivo é investigar se os quadrinhos se configuram como suporte privilegiado para as necessidades comunicativas dos surdos e para a representação de sua língua e cultura – uma questão que, para além da análise da obra, convoca reflexões contemporâneas sobre inclusão, representatividade e as possibilidades de registro de línguas e culturas minoritárias.

Um olhar para o todo: a surdez na narrativa

Na obra *Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: a Pajé surda*, o leitor é convidado a acompanhar, por meio da linguagem visual, a história de uma personagem Surda chamada Sol que, antes do século XV, enquanto a etnia Terena vivia na região hoje conhecida como América Central, por exercer a função religiosa de Pajé, é chamada para participar de um parto que ocorria em sua comunidade. Nascida, a criança passa por um ritual típico de sagração à vida em que a Pajé pede a benção dos ancestrais à criança e, neste momento, recebe de um desses espíritos a revelação do futuro de seu povo por meio de imagens mentais.

A partir disso, o leitor passa a acompanhar os fatos históricos vivenciados pelos nativos dessa etnia, tais quais a união do povo Terena com o povo Guaicuru, a servidão aos colonizadores, a perseguição que o povo Terena sofreu durante as guerras de independência e durante os conflitos entre as novas nações que surgiam, a vinda dos indivíduos da etnia terena ao Império Brasileiro, a servidão nas lavouras, a demarcação de terras indígenas no país, a criação da FUNAI e o decreto que regulamenta as línguas de sinais no país.

Por fim, há uma nova transição que leva o leitor de volta ao tempo do início da narrativa e o permite acompanhar o momento em que a personagem Sol conta a seu povo sobre os acontecimentos que virão. No final da história, Sol apresenta o sinal de “união” em Língua Terena de Sinais aos membros de sua

comunidade, transmitindo-lhes a mensagem final do espírito ancestral.

Pretendendo representar a história e a cultura do povo Terena e, sobretudo, a cultura da comunidade surda terena, a obra em questão se constitui por meio de arranjos plásticos e figurativos pensados para promover a representatividade dos surdos e o registro da Língua Terena de Sinais. Por este motivo, no decorrer da narrativa, poucas são as ocorrências do uso de texto verbal-escrito, o que exige do leitor a interpretação das imagens que constroem a narrativa.



Figura 2 - Exemplos de uso de língua portuguesa na narrativa.
Fonte: Souza (2021).

A língua escrita só aparece com dois objetivos, o primeiro é o de possibilitar que o leitor se situe em relação ao período histórico retratado, já o segundo é o de fazer referência aos marcos legislativos que mais afetaram o povo terena e os surdos. Por este motivo, há apenas três momentos em que aparecem textos escritos em língua portuguesa no decorrer da narrativa, são eles os momentos em que se faz referência à “lei das terras” (Souza, 2021, p.42), à criação da “FUNAI” (Souza, 2021, p.48) e ao “decreto 5.626/2005” (Souza, 2021, p.49) - que estabelece normas para a inclusão e o acesso à educação e à comunicação por pessoas surdas¹.

Diversas cenas no decorrer da narrativa retratam indivíduos surdos conversando por meio da língua terena de sinais em situações cotidianas, como as que se dão nos espaços dedicados ao trabalho ou à socialização dos membros da comunidade terena. Já os diálogos promovidos entre indivíduos ouvintes, ou mesmo seus solilóquios mentais, são representados por meio de

¹ Brasil (2005).

elementos figurativos.

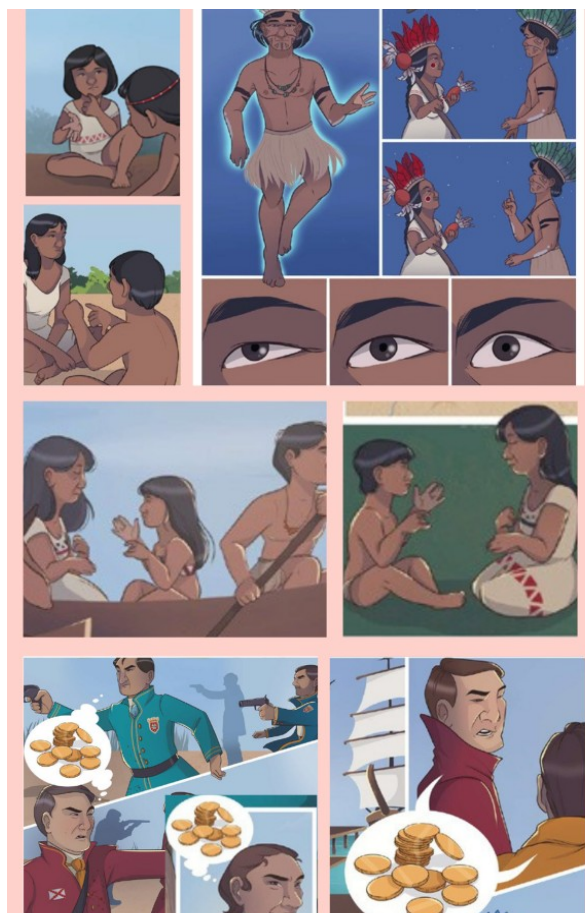


Figura 3. Diálogos na narrativa.
Fonte: Souza (2021).

Tanto no registro dos sinais da língua terena quanto na tradução dos interesses dos colonizadores à visualidade, através da ilustração de moedas de ouro, que representariam a ganância e a busca pelo lucro, emergem aspectos do modo de compreensão do mundo e da manifestação linguística dos surdos. Quadros (2007, p.24) nos lembra que os seres humanos utilizam uma língua de acordo com a modalidade de percepção e produção desta. As línguas de sinais se manifestam por meio da modalidade visuoespacial, uma vez que a visão desempenha um importante papel na apreensão sensorial do mundo pelos surdos, e é através das relações espaciais estabelecidas pelo movimento e por outros recursos linguísticos que se constitui a riqueza de expressividade das línguas de sinais (Quadros, 2007, p.36).

Greimas (1984) nos lembra que as significações fazem parte de uma leitura humana do mundo, não do próprio mundo. Tais significações se manifestariam por meio da capacidade humana de construir e acessar um corpo de significados e de representá-los por meio de simbolismos diversos. No caso dos

ouvintes, a escrita por meio das palavras se constitui como um dispositivo visual articulado capaz de promover tal representação. Os sons da fala de línguas que se manifestam por meio da modalidade oral-auditiva são representados por meio da combinação dos símbolos escritos e das convenções sociais que permitem a transposição da oralidade à escrita. Sua articulação é capaz de promover construções linguísticas cada vez mais complexas, feitas as palavras, e com elas os parágrafos, e com eles os textos, que dialogam entre si.

Os surdos falam por meio de sinais que representam visualmente os elementos do mundo, as ideias, os sentimentos e sensações. Comunidades surdas promovem a representação de conceitos por meio de sinais, e a manifestação por meio de figuras imagéticas, sobre as quais falaremos adiante, se dá de modo mais "natural". Assim, a escolha em traduzir a ganância dos colonizadores da fala à visualidade por meio de imagens de moedas de ouro se assemelha à forma como os surdos se comunicam.



Figura 4. Representação das expressões faciais na obra. Fonte: Souza (2021).

Quadros (2007, p.81) nos lembra que a fonética das línguas de sinais tem como principal função descrever as unidades mínimas dos sinais a partir de suas

propriedades físicas, articulatórias e perceptivas de configuração e orientação de mão, movimento, locação e expressão corporal e facial. Desta forma, devemos nos atentar à relevância das expressões faciais na narrativa, que também são significativas para a sua construção.

Por meio da representação da expressão facial, o leitor pode compreender os sentimentos vivenciados pelas personagens e suas intenções em relação à comunidade Terena. A análise dessas expressões permite, também, a identificação de algumas isotopias, ou seja, padrões construídos a partir da repetição de elementos linguísticos, importantes para a compreensão da narrativa: as personagens que representam os colonizadores, sobretudo aqueles que adotam uma postura violenta em relação aos membros do povo Terena, são representadas com expressões faciais raivosas, aspecto da narrativa que corrobora para que o leitor entenda que se tratam de figuras antagônicas, cujas ações prejudicaram as comunidades nativas.



Figura 5. Isotopias eidéticas.
Fonte: Souza (2021).

Duas outras isotopias que podem ser encontradas na narrativa dizem respeito aos elementos que diferenciam os membros da etnia Terena dos de

outros povos originários e dos colonizadores: são elas os padrões de indumentária construídos na obra para que o leitor diferencie os diferentes grupos. Todas as personagens do povo terena apresentam, ora em suas vestimentas ora em seu próprio corpo, por meio da pintura corporal, triângulos nas cores preto e vermelho. Os colonizadores, por sua vez, também apresentam uma vestimenta padrão: casacos de gola alta e manga comprida e gravatas, diferenciando-se apenas pelas cores.

Dessa forma, por meio de isotopias eidéticas, ou seja, da repetição de traços figurativos, relacionadas às vestimentas das personagens, a obra cria um padrão de indumentária que, segundo Floch (2000, p.19), procura eliminar elementos que possam distinguir ou individualizar os membros de um grupo, de modo que aquele elemento que os une também torna-se propriedade exclusiva do grupo como um todo e o distingue de outros grupos.

O dizer visual e o registro da literatura surda

As histórias fazem parte da forma como interagimos com o meio em que vivemos, com os saberes que adquirimos e com as pessoas com quem temos contato cotidianamente. Tais histórias podem ser registradas e transmitidas de diferentes formas, seja oralmente, por meio da escrita ou da representação visual, a depender das intenções dos falantes, de suas escolhas enunciativas, de que forma de manifestação melhor expressa o conteúdo que se pretende compartilhar e qual o público que se pretende atingir.

Compostas por sequências de figuras que, justapostas, simulam transposições temporais e espaciais, as narrativas visuais constituem uma dentre as várias possibilidades de contar histórias (Mccloud, 1995, p.20-23). Nessas narrativas, diferentes elementos imagéticos se juntam para a produção de sentidos enquanto exigem que o leitor preencha as lacunas entre um quadro e outro, em um jogo entre o que é visto e o que não é visto (Mccloud, 1995, p.88-92).

A linguagem explorada pelas narrativas visuais se constrói por meio de feixes de traços visuais, rabiscos, de densidade variável que, quando apreendidos simultaneamente, podem ser reconhecidos como a representação, sempre parcial, de um objeto do mundo real (Greimas, 1984, p.24). O grau de densidade de traços determina, também, a forma como o leitor irá se relacionar com o

texto, de modo que quanto mais abstrato, mais se exige que o leitor preencha o texto visual com os elementos de seu repertório pessoal, imprimindo nele sua identidade. Já quando a densidade de traços busca a imitação mais próxima possível do objeto do mundo físico, respeitados os limites impostos pela superfície planar, menos se exige da imaginação do leitor (Greimas, 1984, p.5-7)².

Sabemos que Mccloud (1995, p. 49-59) entende as palavras escritas como elementos figurativos manifestos em uma superfície plana, porém as considera dotadas do mais alto grau de abstração, de modo que mesmo as características elementares dos objetos do mundo real, que as figuras abstratas tentam reproduzir, se perdem. Para Greimas (1984), por outro lado, a escrita se apresenta como um dispositivo visual articulado apto a representar qualquer coisa. Este dispositivo se relaciona a um "corpo de conceitos", que constituiria a linguagem formal, suscetível de ser representado por meio de diversos simbolismos. Do mesmo modo, os traços visuais originam formantes figurativos, quando estão em conjunto e são apreendidos globalmente, sendo dotados de significado pelo crivo de leitura de uma dada comunidade, tornando-se signos-objetos aptos a representar, parcialmente, os objetos do mundo natural, tal qual o sistema da escrita. Assim, por meio dos rabiscos que constituem cada letra, podemos representar toda a existência.

Os seres vivos compreendem a realidade e o mundo por meio dos sentidos (Greimas, 1984, p.8). Nunca acessamos o mundo como ele é, mas por meio de fragmentos provenientes das respostas dadas pelo nosso cérebro aos estímulos sensoriais que recebemos a todo instante. Tais fragmentos são somados mentalmente e constroem um todo, que é a nossa percepção da realidade, por meio da habilidade humana da conclusão, que também é evocada pelas narrativas visuais para que o leitor, ao associar diferentes imagens justapostas, consiga construir mentalmente o que se está narrando e compreenda as transições espaciais e temporais entre cada cena (Mccloud, 1995, p62-63). Assim, os elementos figurativos representam o "vocabulário" nas narrativas visuais e a habilidade da conclusão representa a gramática das narrativas visuais, por possibilitar que o leitor depreenda sentidos a partir da organização dos elementos visuais (Mccloud, 1995, p.67).

2 Neste trabalho, lanço mão de argumentos advindos de duas correntes diferentes da área da semiótica, a semiótica francesa e a semiótica americana, por compreender que os conceitos desenvolvidos pelos pesquisadores de ambas as áreas podem dialogar de modo produtivo para a análise.

A reflexão desenvolvida até aqui, a respeito das aproximações entre a escrita e os signos-objetos, não se encerra na definição de narrativas visuais, mas, ao contrário, nos possibilita refletir a respeito de dois outros conceitos que se relacionam à pergunta de pesquisa que deu início a este trabalho e à obra *Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: a Pajé surda*, são eles os conceitos de literatura surda e de escrita de sinais. Segundo Karnopp:

Nesse sentido, utilizamos a expressão “literatura surda” para histórias que têm a língua de sinais, a questão da identidade e da cultura surda presentes na narrativa. Literatura surda é a produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo lingüístico e cultural diferente. (2008, p.102)

A literatura surda é a manifestação da visão de mundo dos surdos, de sua cultura e de suas identidades por meio das histórias que produzem. Mais do que a presença de personagens surdos, uma obra de literatura surda precisa contemplar a surdez e suas influências no modo de vida dos surdos.

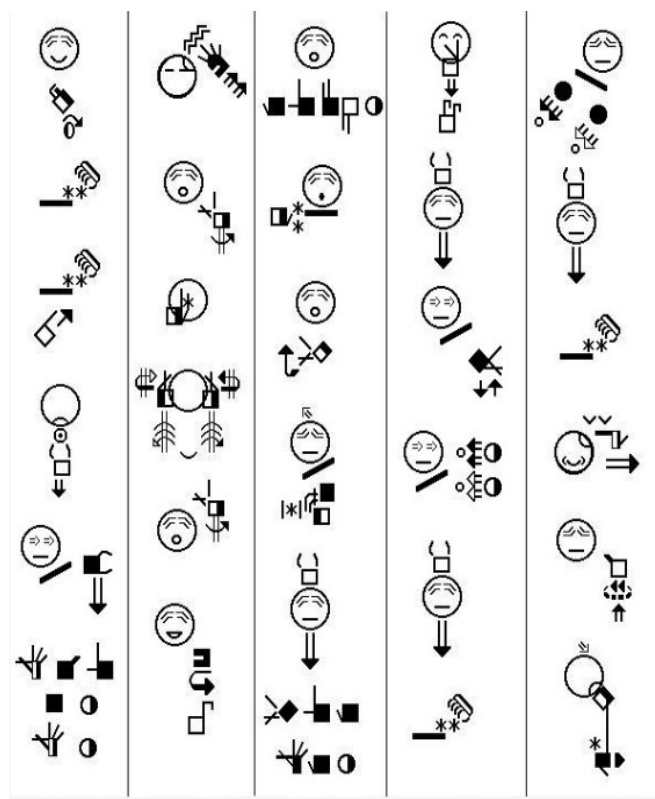


Figura 7. Exemplo de escrita de sinais.
Fonte: Córdula e Silva (2017).

A escrita de sinais, por sua vez, se propõe como a forma de registro dos sinais, sendo capaz de representar, por meio de símbolos próprios, todas as unidades mínimas das línguas de sinais, desde os gestos feitos com as mãos, até

os movimentos faciais, de modo que se possibilita o registro escrito das línguas de sinais (Córdula e Silva, 2017).

Assim, tendo em vista que o “corpo de sentidos” que emana da linguagem e é constituído pela leitura humana do mundo pode ser representado por qualquer elemento simbólico, inclusive pelos formantes figurativos, e que as línguas de sinais se manifestam por meio do modal visuoespacial, com suas próprias unidades mínimas que, combinadas, constituem os sinais que, por sua vez, se combinam para a formulação de construções linguísticas cada vez mais complexas, e que tais línguas possuem um alfabeto próprio capaz de representar essas características em um suporte planar, não parece ser nada mais do que natural que os surdos se apropriem das potencialidades das narrativas visuais e da nona arte para registrarem as obras de literatura surda.

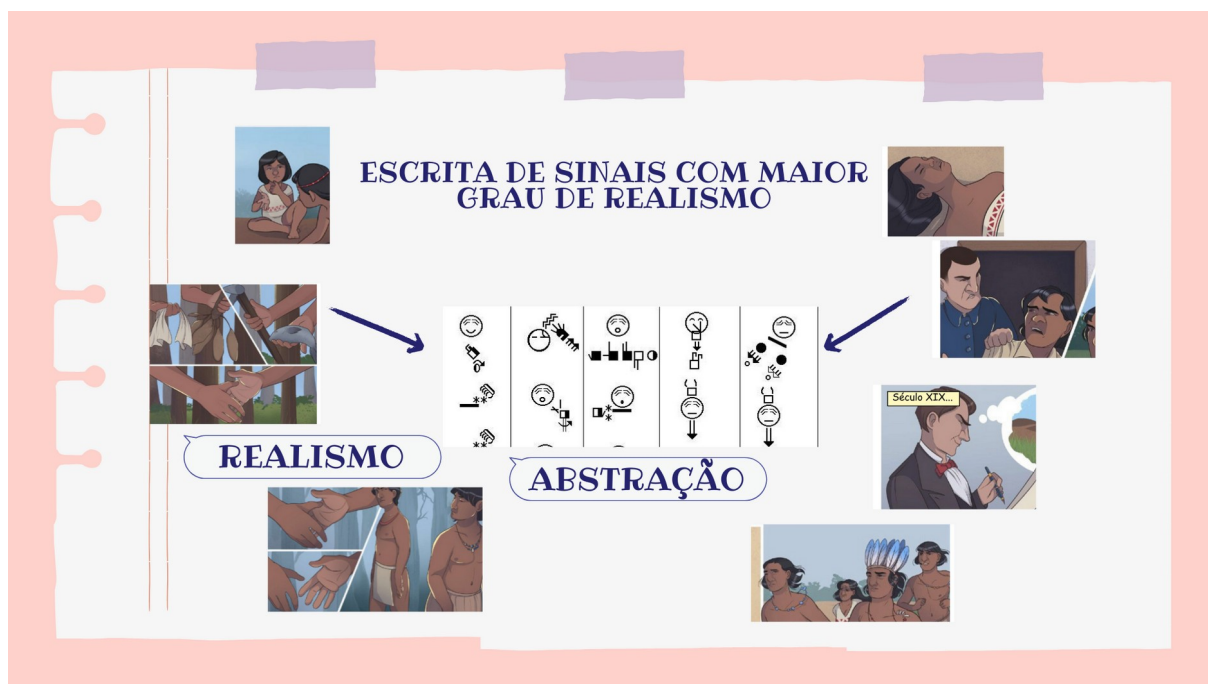


Figura 8. Comparação entre o registro dos quadrinhos e a escrita de sinais.
Fonte: produção própria.

Não se pode deixar de considerar, portanto, que os signos-objetos podem se constituir a partir de diferentes graus de densidade de traços, de modo que o que se vê na obra em quadrinhos *Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: a Pajé surda* talvez possa ser considerado, na verdade, também uma forma de escrita de sinais, porém adensada, que busca um grau de realismo mais elevado do que o que se vê nos registros convencionais da escrita de sinais. Afinal, de alguma forma os elementos mínimos das línguas de sinais estão representados e a impressão de

movimento fica à cargo da capacidade de conclusão do leitor.

Considerações finais

Em um país com uma população de 2,7 milhões de habitantes surdos, que até muito recentemente sequer havia reconhecido legalmente a língua falada pela comunidade surda, como é o Brasil, pensar a respeito da inclusão e da representatividade da comunidade surda brasileira, bem como a respeito do resgate de sua história e da história de todas as comunidades que foram marginalizadas no decorrer da história nacional tem relevância inegável.

Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: a Pajé surda é a prova de que é possível promover, com respeito e dedicação, a voz dos indivíduos surdos e, mais do que isso, repensar a realidade linguística nacional e a forma como são formuladas as produções culturais de comunidades minoritárias que constituem a sociedade brasileira. A legislação contemporânea (Brasil, 2002; 2005) prevê que os surdos devem aprender as línguas de sinais, como suas primeiras línguas, e a língua portuguesa em sua modalidade escrita como segunda língua, porém, infelizmente, ainda há muito o que se pensar, uma vez que, mesmo sendo essencial para o acesso dos surdos à cultura ouvinte, a língua portuguesa não atende às necessidades linguísticas dos surdos no que tange ao registro de suas produções literárias.

Ao se constituir por meio de uma narrativa visual em quadrinhos, a obra desafia-nos a refletir sobre as potencialidades da nona arte como suporte às produções literárias dos surdos e mostra que há caminhos que podem ser traçados, mas que exigem o envolvimento ativo da sociedade civil organizada para que efetivamente os surdos possam se reconhecer como integrantes ativos da sociedade brasileira e entender sua cultura como parte da cultura nacional.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/552312>. Acesso em: 3 Maio. 2025.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 - Regulamenta a lei 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais - libras, e o artigo 18 da lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/566431/publicacao/15727237>. Acesso em: 3 Maio. 2025.
- FLOCH, Jean-Marie. Visual identities. Trad. Pierre Van Osselaer e Alec Mchoul. Nova York: Continnum, 2000.
- Greimas, A. Semiótica figurativa e semiótica plástica. Significação: Revista De Cultura Audiovisual, 4, p.18-46. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.1984.90477>. Acesso em: 20 de maio de 2025.
- KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. ETD [online]. 2006, v.7, n.2, p.98-109.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Mito e significado. Lisboa: Edições 70, 1978.
- MCCLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos. São Paulo: Makron Books, 1995.
- QUADROS, Ronice Müller de. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- RODRIGUES, Eliete Millen. Histórias em quadrinhos: narrativa visual e sua utilização no ensino. Especialização em Ensino de Artes Visuais / Eliete Millen Rodrigues, 2013.
- SILVA, Ana Kelly da; CÓRDULA, Eduardo Beltrão de Lucena. A libras e a escrita de sinais. Rio de Janeiro, Educação Pública, 2017.
- SOUZA, Ivan. Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: A Pajé Surda. Araraquara: Letraria, 2021.

Sol, a Deaf Shaman: Visual Narrative and Terena Memory in *Séno Mókere Káxe Koixómuneti*

ABSTRACT

This article analyzes Ivan Souza's work *Séno Mókere Káxe Koixómuneti. Sol: a Pajé surda* through a dialogue between text semiotics and sign language linguistics. It aims to investigate how the language of comics, as a visual narrative medium, responds to the communicative specificities of the Deaf community and proves adequate for the representation of sign languages and Deaf cultures. Situated at the intersection of Indigenous literature and Deaf literature, the work registers elements of the oral culture and sign language of the Terena people, articulating visual narrative and linguistic memory. The analysis is grounded in the hypothesis that comics, as a multimodal sign system, not only register but also produce specific meanings for the Deaf experience, expanding the possibilities of expression and documentation of minority languages and cultures. By challenging the boundaries between word, image, and gesture, Souza's work offers a fertile field for rethinking the relations between narrative medium, visuality, and language.

PALABRAS CLAVE:

Deaf Culture
Sign Language
Visual Narrative
Terena People
Comics
Semiotics

SUBMETIDO: 6 de dezembro de 2025 | **ACEITO:** 21 de abril de 2025 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](#)
